A Representação do Nervoso na Cultura Literária e Sociológica do Século XIX e Começo do Século XX[1]

LUIZ FERNANDO D. DUARTE

Introdução

As categorias e modelos sobre os mal-estares, as perturbações físico-morais ou as doenças são sempre uma via régia para o acesso à representação de Pessoa e de Mundo vigentes em qualquer cultura dada. Sistematizam e dão sentido a todas as possibilidades dramáticas extremas da vida social e contêm, nesse sentido, num resumo precioso, os fios centrais da visão de mundo que a sustenta.

Tenho retomado em alguns trabalhos à importância e interesse do conhecimento do núcleo semântico do *nervoso* para o acesso, justamente, às representações de Pessoa e de Mundo que sustentam as sociedades ligadas à chamada cultura ocidental moderna. Embora minha pesquisa tenha-se centrado sobre o seu sentido entre as classes trabalhadoras urbanas brasileiras, foi necessário que procedesse ao redor de uma vasta inquirição sobre a genealogia daquela categoria e das numerosas configurações culturais em que desempenhou um papel importante desde o século XVIII (Duarte, 1982; 1985; 1986 a e b e 1988).

Um dos pontos centrais do vasto campo de significações assim constituído é o da distinção entre os saberes eruditos sobre o *nervoso* e as culturas

1. Este trabalho foi apresentado no Grupo de Trabalho sobre "Saúde, Medicina Institucional: Alternativas, Representações" da 16ª Reunião Brasileira de Antropologia, Campinas, 1988. Seu núcleo foi elaborado em minha tese de doutorado no Museu Nacional/UFRJ, defendida em 1985, mas não foi incluído na versão publicada, em 1986, por motivos editoriais.

Anuário antropológico/87
Editora Universidade de Brasília, Tempo Brasileiro, 1990

públicas ou populares em que ele se encontra e é tematizado. Está claro que não se trata de duas áreas estanques, inclusive pelo fato de constituírem as segundas uma reapropriação, uma reinvenção dos primeiros, em diversos sentidos e direções e por esses saberes eruditos terem sido igualmente retroalimentados em diversos momentos pelas suas derivações públicas ou populares. É, na verdade, uma das mais interessantes facetas da questão, a dessa complexa interação entre os dois pólos aqui instrumentalmente distinguidos.

Se levarmos em conta as consideráveis fontes de informação disponíveis sobre as representações das perturbações físico-morais em nossas sociedades, verifica-se, por outro lado, que o sistema do *nervoso* não é o único disponível nas classes trabalhadoras ou, mais genericamente, nas "camadas populares" e nem tampouco nas classes médias e superiores. De maneira algo esquemática, podemos lembrar que, no primeiro espaço, esse sistema é alternativo ou concomitante a diversos outros sistemas marcados pela referência religiosa, ou mesmo a outros, menos explicitamente "religiosos", a que se costumou chamar de sistemas de "medicina tradicional" ou de "medicina popular". Do mesmo modo, nas camadas médias e superiores, o sistema do *nervoso* compartilha um espaço de representações em que estão presentes modelos "religiosos" (explícitos ou implícitos), assim como outros modelos referidos ao espaço das ciências médico-psicológicas. A referência é esquemática não só pelo seu caráter não-exaustivo, como por fazer parecer que, seja do lado "popular", seja do lado "letrado", se trate de sistemas estanques e que se contrapõem nitidamente. Na verdade, as mais inesperadas combinações podem ocorrer nesses espaços, como também certas incompatibilidades notáveis. É por isso mesmo, na verdade, que pensamos poder englobar discursos tão díspares sob a mesma categoria abrangente de "recursos físico-morais". Para todo esse campo, porém, oferece-se uma marca fundamental para as auto-representações e os recortes diferenciais de identidades: a referência aos saberes "médico-psicológicos", ou talvez, mais abstratamente, à idéia de "saberes científicos" que subjaz àquela outra. Por mais "tradicionais" ou "religiosos" que se vejam ou se declarem todos esses sistemas, nenhum deixa de se remeter ao "saber científico", seja para subordiná-lo localizadamente, seja para com ele compartilhar, de modo transversal, da intervenção sobre os problemas humanos.

Como se sabe, esses "saberes médico-psicológicos" têm uma história, localizam-se, aglutinam-se e deslocam-se de um modo já hoje bastante bem mapeado no quadro da formação geral de nossa cultura e constituem, na ver-

dade, um repositório muito diversificado de modelos, tipologias, visões de mundo e estratégias terapêuticas que se oferecem às articulações culturais. Não se trata, evidentemente, de um repositório indistinto. Há linhas de força, configurações dominantes, momentos privilegiados, lutas ideológicas que fazem com que aquelas articulações não sejam aleatórias, mas obedeçam a processos maiores que movimentam não só a subárea médico-psicológica como toda a cultura moderna.

Inúmeras questões daí decorrem. A primeira a ser ressaltada é a do recorrente e crescente poder de referência que assumem os saberes médico-psicológicos na sua condição de saberes ditos científicos. Embora a questão da preeminência hierárquica dos saberes letrados seja etnograficamente muito mais ampla, ela se colore de tons muito especiais no contexto da sociedade moderna. Não se trata, neste caso, de um corpo de conhecimentos mais ou menos esotéricos e comprometidos com a boa condução do universo ou do corpo social que, como apanágio de uma elite, garante a eficácia global de uma visão de mundo e reproduz por si mesma a divisão entre iniciados e leigos, mandarins e plebeus. O corpo dos saberes modernos nasce comprometido com uma visão de mundo específica, aquela que o ideário iluminista tão bem expressou. O homem tem em suas mãos as chaves de uma intervenção radical e subversiva: a "razão" privilegiadamente cultivada na "ciência" abre as portas de uma "liberdade" e de um "progresso" que, se bem conduzidos, iluminarão todos os homens e todo o Homem e, ainda, com ele todo o Universo.

Embora essa ideologia não se tenha difundido uniformemente, seja no nível geral da representação das elites, seja no da distribuição entre as nações, seja no das classes e suas subculturas, ela se erigiu como um padrão inevitável de referência, em boa parte, devido ao dinamismo e intensidade com que, associada ao modo de produção capitalista e ao ideário político liberal, interveio em todas as formações sociais, pelo menos, desde o fim do século XVIII.

É possível, claro, retraçar localizadamente uma longa história de resistências ativas e passivas à difusão de uma visão de mundo racionalista, mas ali mesmo onde essas resistências mais elaboradamente se constituíram percebe-se a necessidade indelével de levar em conta seus pressupostos e, freqüentemente, de absorvê-los em conjugação complexa com modos culturais holistas.

Os discursos médicos modernos se representam em continuidade com uma tradição que se quer muito antiga, em conformidade, aliás, com a auto-

representação geral da cultura moderna. As culturas clássicas, grega e romana, fornecem-lhe marcos significativos desde Hipócrates e essa representação é extremamente importante para o próprio reforço dos temas da Razão. Essa representação de continuidade comporta, porém, uma teleologia altamente valorativa em termos da qual as sucessivas configurações do saber médico serão escalonadas em um quadro de evolução e progresso, avaliado pelos critérios de uma racionalidade supostamente crescente. Os séculos XVII e XVIII representariam, nesse quadro, um papel fundamental. Deslocamentos básicos se produziram nesse período, avultando a preeminência da dúvida e da experimentação entre os fundamentos das novas ciências naturais. É nesse contexto que se constituiu o sistema letrado do *nervoso*, entre tantos outros e fundamentais que se ofereceram à representação moderna do homem. Esse sistema do *nervoso* atravessou todo o século XIX, sofrendo deslocamentos e especificações de múltipla ordem e se difundiu de maneira ampla na cultura contemporânea.

O contexto do desenvolvimento da racionalidade científica moderna é também o contexto da crescente hegemonia da ideologia individualista, tanto no plano político-econômico de afirmação da ideologia liberal e do modo de produção capitalista, quanto no plano da construção da moralidade e da subjetividade modernas. O cientificismo pode ser considerado, na verdade, como apenas mais um dos aspectos dessa grande transformação que abarca ou atinge todos os planos de nossa cultura.

A representação do *sistema nervoso* e o sistema do *nervoso*, desenvolvido em torno daquela idéia, constituíram uma mediação fundamental entre os deslocamentos mais vagos e especulativos que, em torno do século XVIII, gestavam a noção do Indivíduo moderno e os recursos simbolicamente poderosos que a nascente ciência podia oferecer ao imaginário público. O interesse deste artigo será, justamente, mostrar como aquelas representações, deslocadas para um certo nível do senso-comum das elites européias, subjazem às elaborações mais sofisticadas do pensamento sobre a Pessoa e a Sociedade na passagem do século e, muito provavelmente ainda hoje, às nossas próprias elaborações.

A análise se centrará em três textos sociológicos clássicos (de Durkheim, de Simmel e de Mauss e Hubert) escolhidos pela sua expressividade sobre os temas do Indivíduo e da Sociedade no período em questão. Serão examinados, em seguida, vários textos literários que nos permitem perceber de modo mais claro o delineamento do campo de representações em que se armam os textos sociológicos.

Os Princípios Ordenadores da Configuração Erudita do Nervoso

A capacidade mediadora representada pela noção de *sistema nervoso* só pode ser compreendida se nos detivermos minimamente sobre suas articulações simbólicas internas, sobre as qualidades que lhe garantiram a condição de grande eixo para a expressão das perturbações físico-morais entre o século XVIII e o nosso tempo. Apresento, em seguida, a série dos temas e nódulos em que procurei ordenar a percepção de um fenômeno multiforme e onipresente.

O tema da "totalização" (o mais importante dentre os que vamos analisar) designa a qualidade de eixo ou centro articulador geral da pessoa humana desempenhado pelo *sistema nervoso.* Embora ele apareça , em geral, como um capítulo das diferentes partes, aparelhos e sistemas do corpo humano e sua patologia seja também um segmento de um quadro muito mais amplo, ele representa, por assim dizer, o coroamento e nexo fundamental desse organismo, concedendo-lhe uma plenitude funcional característica. Em expressões como "sede das funções superiores", ou "mamíferos superiores", expressa-se bem essa qualidade totalizadora básica que permite colocar o *cérebro* no ápice de uma hierarquia das funções internas dos organismos animais e o *homem* (com esse *cérebro* e esse *sistema nervoso*) no ápice de uma hierarquia evolutiva de organização e capacidade no quadro dos seres vivos. Esta idéia de uma "totalização" orgânica é apresentada como primeiro tema, não só por ser logicamente primeira em relação às demais, mas por conter um princípio individualizador cheio de repercussões para o sentido geral da configuração que em torno dela enfeixa um sistema de valores específico.

O segundo tema é o da "fisicalidade". Os fenômenos da vida humana são adstritos a uma ordem de explicabilidade que é contrária a qualquer espiritualidade e que se sustenta sobre uma racionalização cientificista. A anátomo-fisiologia do *sistema nervoso* dá lugar a uma neurologia que é um dos segmentos legítimos da sistematização interna da medicina moderna. Os postulados novecentistas da identidade real entre os fenômenos normais e patológicos, bem estudados por Canguilhem (sobretudo, Canguilhem, 1978) permitem que esse tema ganhe uma universalidade claramente expressa na filosofia de Comte.

O terceiro tema é o dos "males da civilização". Ele se constitui em torno da denúncia de certas qualidades ou condições do "meio social" em que se desenvolvem os "indivíduos" e, embora possa, em alguns momentos, pretender um certo universalismo rousseauniano, visa, sobretudo, a sociedade mo-

derna, ou a *civilização.* O *sistema nervoso* seria não só o comutador entre o organismo individual e esse meio prenhe de ameaças, como o lugar onde se fixariam, desenvolveriam e até mesmo se reproduziriam perversamente os estímulos antinaturais assim recebidos. A tradição das causas morais da patologia humana encontra aí o fermento para o desenvolvimento das proposições do *higienismo.*

O quarto tema é o da "universal difusão" das *doenças nervosas.* Ele pode ser quase que logicamente deduzido da articulação entre os temas da "totalização" e dos "males da civilização". Uma vez que o *sistema nervoso* detém essa qualidade de articulador axial dos indivíduos e que todos os indivíduos se encontram vivendo em *sociedade* e, mais do que isso, em *civilização,* não há quem não esteja exposto, imediata ou virtualmente, aos desequilíbrios, distúrbios ou tensões nervosas. Dependendo, porém, de certas marcas, tanto "físicas" (no sentido do segundo tema), quanto "morais" (no sentido do terceiro tema), haverá certas distribuições diferenciais dessa difusão que atribuirão a algumas categorias de pessoas uma maior vulnerabilidade ou predisposição a essas perturbações. Acopla-se, assim, a esse tema o nódulo da *fraqueza,* assim como o da *mulher nervosa* (apreciado dentro do nódulo da "alocação diferencial"). Este tema da "universal difusão" abarca ainda uma questão crucial: a da relação entre as doenças nervosas e as doenças mentais ou a loucura. Houve diferentes construções em torno desse tema, ora enfatizando a continuidade entre os dois fenômenos (em parte, graças à articulação com o referido postulado da identidade normal/patológico), ora enfatizando a sua polarização em diferentes quadros classificatórios, graças, em parte, à tradição das classificações em espécies do naturalismo dos séculos XVII e XVIII.

O quinto tema é o da "determinação/vontade". É talvez o mais difícil de resumir, provavelmente, por ser o que com mais clareza toque na questão da individualização e levante, portanto, considerações tão envolventes. Está aqui em jogo esse dilema central da modernidade e das Ciências do Homem que é o que opõe determinismo a livre arbítrio. Ora se diz que essas "doenças" se articulam fora do plano da consciência, ora que são motivadas pelo excesso de sensibilidade e de emoções; ora que sua cura depende de uma vontade forte, ora que é inadmissível esperar-se que se possa curá-las por um esforço de vontade. Na verdade, subjacente às fórmulas variáveis de articulação entre uma determinação física e uma determinação moral, o que encontramos é um espaço de interiorização que a configuração do *nervoso* permite promover e elaborar graças, ao tema da "totalização". É o espaço de manobras instaura-

do por aquilo a que Foucault chamou, num texto luminoso, uma "ética da sensibilidade nervosa" (Foucault, 1978: 285). A questão da consciência, em sua dupla face psicológica e moral, está aí tematizada e, sabemos bem desde Mauss, pelo menos, o que isto significa em termos de noção de Pessoa.

O sexto tema é o da "terapêutica". É parelha do tema anterior, porque seguirá cada um dos meandros dessa fisiologia da interioridade, atenta à sua especular patologia, e corolário do tema da "fisicalidade", porque se proporá a expulsar toda superstição e armar-se unicamente dos recursos da racionalidade científica. É perpendicular ao tema dos "males da civilização", porque amparará numa longa cruzada os destinos do *higienismo*. E é, ainda, garantia desse monopólio cioso dos agentes de saúde a que a literatura crítica recente dá, freqüentemente, foros de conspiração e a que o tema da "universal difusão" empresta uma ambição desmedida, desde o alienismo até o psicanalismo.

Embutidos nesses grandes temas da configuração do *nervoso,* encontram-se outros nódulos ideacionais de grande importância. Chamei-lhes nódulos da "fraqueza", da "comunicação", da "irritação", da "obstrução" e da "alocação diferencial". Diferenciam-se dos grandes temas por serem mais instrumentais, face ao caráter estruturante daqueles, como roldanas de relevância muito concreta na maquinação dos grandes sistemas.

O nódulo da "fraqueza" arma-se em torno da oposição *força/fraqueza* e atravessa toda a configuração do *nervoso* em diversas direções. As qualidades de generalidade e flexibilidade de que se cerca esse par em oposição permitem que se estabeleçam armações e deslocamentos simbólicos vitais para a história das representações modernas sobre a Pessoa. Ele se encontra presente em diversos modelos de anátomo-fisiologia humana, a partir do século XVII, servindo aos temas da "totalização" e da "fisicalidade". É notável, porém, como cada um desses modelos, seja o da firmeza de Sydenham, de 1624-1689, seja o da estenia/astenia de Brown, de 1735-1777, seja o da *vis nervosa* de Albrecht Von Haller, de 1763, ou os mais recentes da fraqueza nervosa de Hasse, de 1855, da neurastenia de Beard, de 1868, ou do *stress* de Selye, de 1925, serviram sempre no momento mesmo de sua afirmação – e tanto mais no de suas apropriações posteriores – a amarrar a fisicalidade à moralidade, nesse jogo admirável que perpassa a história dos saberes físico-morais modernos. Força e fraqueza de fibras ou substâncias, força e fraqueza de sentimentos ou de caráter enovelam-se em intricadas rendas de sentido e valoração.

O nódulo da "comunicação" abarca uma vasta área semântica imediatamente subjacente ao tema da "totalização". Como vimos, o *sistema nervoso* é apresentado como o plano de mais alta articulação da pessoa, lugar de todos os fluxos necessários entre os centros de comando cerebrais e a periferia corporal, entre os órgãos de sentido e as sedes sensoriais, garantindo a memória, a consciência, enfim, todas as chamadas qualidades superiores. Esse *sistema* é, freqüentemente, apresentado nas obras gerais como homólogo ao dos aparelhos em que se dividem as diversas funções vitais do organismo, embora hierarquicamente superior. Isso pressupõe a idéia de um órgão central, de uma rede de comunicação e de um fluxo qualquer entre o órgão e a rede. Quanto ao órgão central, não parece haver há, pelo menos, um século, qualquer especulação que tenda a quebrar a hegemonia do *cérebro* (embora, ainda em Esquirol, se parecesse reavivar a tradição do centro secundário do *cerebrum abdominale,* retida sob a forma da representação do plexo solar). Também quanto à rede, a representação de *fibras,* que se substituiu no século XVIII à clássica imagem galênica dos *tubos,* tampouco parece contestável, embora complexificada com as modernas formulações neuronais. Já o tema do fluxo serviu, pela dificuldade em se ancorar numa qualidade biológica clara (a solução científica atual é de ordem físico-química), a amplas imagens e especulações que permitem, até hoje, reapropriações inesperadas. Na verdade, a homologia mais imediata que se desenhou para a representação do *sistema nervoso* no homem moderno foi a do sistema circulatório, fisiologicamente descrito desde Harvey, em 1628. A *cabeça* sempre fora companheira do *coração,* pelo menos, desde o *Timeu* de Platão, assim como os tubos *nervosos* pareciam irmãos dos tubos sangüíneos. Para a perfeita homologia sempre se exigiu, portanto, um símile do *sangue,* para o que, durante séculos, serviram os *espíritos animais (pneuma psychikon)* propostos por Galeno em 130-200 DC. O século XVIII viu formular-se o quadro dos *vapores nervosos,* dos gases nervosos e da *energia nervosa,* ao sabor das sucessivas reelaborações dos modelos naturalistas. Os temas conexos da simpatia, do animismo e da seqüência magnetismo/galvanismo/eletricidade influenciaram alguns dos caminhos diferenciais do nódulo representacional da comunicação *nervosa.*

Paralelamente a esse nódulo, desenha-se o das "obstruções", ou seja, a vertente negativa da "comunicação". E desenha-se, evidentemente, em negativo das diferentes fórmulas privilegiadas para a concepção do fluxo nervoso. É uma vasta área em que se pode reconhecer mecanismos físico-morais múltiplos, como o efeito benéfico que sobre uma pessoa *nervosa* pode ter o san-

gramento decorrente de queda durante um *ataque de nervos,* ou a obstrução pelas *idéias* acumuladas na cabeça ou o caráter de envenenamento por drogas ou por condicionamentos reflexos.

O quarto nódulo é o que se enfeixou sob a categoria da "irritação", embora abarque um grupo aparentemente díspar de noções, tais como as da excitação, da sensibilidade e da tensão. Ele só pode ser compreendido em função do tema da "totalização" e do nódulo da "comunicação", contra os quais se recorta como uma fórmula especificante. É, do mesmo modo, paralelo ao nódulo da "obstrução", uma vez que também tematiza uma patologia da "comunicação" nervosa. Há aí uma representação geral de uma certa qualidade física do *sistema nervoso* que é, ao mesmo tempo, uma qualidade moral dos sujeitos através dele articulados. A irritação, a tensão, a excitação, ou a sensibilidade, tanto qualificam um estado das *fibras* ou das *células* nervosas, quanto qualificam a reação geral do sujeito que em si abriga aquele estado do seu *sistema nervoso;* ou vice-versa, uma vez que o postulado básico é o de uma homologia intrínseca entre os dois planos, variando a prioridade designável no processo desequilibrador apenas em função da situação ou de certas ênfases de escola. Percebe-se ainda aí a pista clássica da *simpatia* interior, retida significativamente numa das denominações oficiais da neurologia, a do subsistema *simpático* do *sistema nervoso,* ou *sistema nervoso vegetativo.*

O último nódulo definível neste momento é o da "alocação diferencial". Nomeou-se de tal forma o feixe de representações que permite designar lugares sociais mais ou menos afetados ou afetáveis pelas perturbações nervosas em função de certas ênfases e recortes peculiares. Trata-se de um nódulo extremamente significativo, uma vez que resulta da intersecção dos temas universalizantes com os nódulos especificantes acima arrolados. Em um certo sentido, a "alocação diferencial" representa a transposição para o plano sociológico dos embaraços e confrontos dedutíveis do entrechoque daquelas diferentes linhas físico-morais. A primeira grande demarcação aí verificável é a da mulher. A determinação diferencial da *mulher* como um lugar privilegiado dos fenômenos nervosos – tão marcante no material que será analisado – é um nexo de máxima visibilidade nesse espaço, pelas qualidades específicas de que se reveste a sua representação no quadro da oposição natureza/cultura em nossa sociedade, acrescida das peculiares ambivalências com que essa diferenciação se enfrentou com a ideologia individualista moderna (particularmente com a idéia da igualdade). Há, porém, outros nexos de igual importância. O primeiro é o que tematiza, primordialmente, a questão do meio, que pode vazar, ora nos moldes gerais dos males da civilização, através da de-

núncia da *cidade* moderna como o espaço perturbador por excelência, ora nos moldes de específicas predisposições ancoradas em diferenças sociais, como o modelo da predominância das causas morais nos grupos de elite e da predominância das causas físicas nos grupos populares. Um segundo nexo é o que tematiza, primordialmente, os fatores biológicos, articulando-se sobre a questão da hereditariedade e da degeneração, ou mesmo, no fio das teorias evolucionistas, sobre a questão da raça. E, finalmente, um outro nexo que se deterá sobre a fórmula eminentemente físico-moral dos temperamentos. Este é um ponto de extraordinária riqueza, uma vez que, em torno dessa categoria, armam-se articulações eruditas as mais variadas, desde o modelo dos nove temperamentos galênicos (armados segundo o código da teoria humoral) presente na representação médica ocidental até o início deste século, até a articulação – aparentemente tão distante das presentes considerações – da Escola de Cultura e Personalidade, com sua ênfase em categorias, tais como, temperamento, personalidade e caráter (em sua dinâmica oposição a Cultura). São exemplos de articulação imediata desse campo com o do *nervoso* os *temperamentos e compleições nervosas* encontráveis, com freqüência, na literatura científica e ficcional do período que vamos privilegiar. Willoughby, no verbete "temperamento" do Dicionário de Tuke (1892) detém-se na mediação histórica que fez substituir, a partir de um certo momento do século XIX, o antigo *temperamento melancólico* (do quadro galênico) por um *temperamento nervoso.*

O Nervoso *em Alguns Clássicos Sociológicos*

Observados os princípios ordenadores da configuração erudita do *nervoso,* podemos voltar agora nossa atenção para a forma como eles se apresentam – de modo mais ou menos articulado e explícito – no contexto de três artigos pertencentes ao acervo dos clássicos do pensamento sociológico da passagem do século. Trata-se de um esforço analítico exploratório, que prescinde, portanto, de uma análise mais detalhada do campo em que se inserem seus autores e do momento e sentido em suas trajetórias intelectuais dos textos escolhidos. São eles o *Esquisse d'une Théorie de la Magie,* de Mauss e Hubert (1973 [1902]); *A Metrópole e a Vida Mental,* de Simmel (1973 [1902]) e o *Representações Individuais e Representações Coletivas,* de Durkheim (1970 [1898]).

O artigo de Mauss e Hubert contém uma referência rápida, quase passageira, mas singularmente expressiva , sobre o *nervoso.* Ao se deter sobre as qualidades e características do agente dos atos de magia, dizem os autores:

> Observemos que todos esses indivíduos, enfermos e extáticos, nervosos e estranhos, formam, na realidade, como que classes sociais. O que lhes dá virtudes mágicas não são tanto as suas características físicas individuais, quanto a atitude que a sociedade adota em relação a todo o seu gênero. O mesmo se dá com as mulheres. É menos às suas características físicas do que aos sentimentos sociais de que são objeto, suas qualidades, que se deve o fato de serem consideradas em toda parte como mais aptas do que os homens para a magia.(...) Sabe-se, além disso, que as mulheres são especialmente sujeitas à histeria: suas crises nervosas fazem então com que pareçam tomadas por poderes sobre-humanos que lhes dão uma autoridade particular. (Mauss e Hubert, 1973: 20).

O argumento central é, evidentemente, o da construção social da afinidade que vota certas *classes sociais* (no sentido usado no texto) a determinados desempenhos, à atualização de determinados núcleos de sentimentos sociais. Com isso se explicita o pleno caráter simbólico de determinações com que o senso-comum atribui qualidades intrínsecas aos sujeitos eleitos. Subjaz, porém, ao argumento a idéia de que há marcas, por assim dizer, pré-sociais que se oferecem à elaboração, classificação e valoração sociais. Entre doentes e forasteiros, Mauss inclui, já na primeira referência, os *extáticos* e *nervosos.* Mas, *é na referência à mulher* que fica mais claro o que pretendo ressaltar. A *mulher histérica* é o lugar de uma dupla marcação, com a superposição de dois níveis de idêntica qualidade ontológica: a realidade da diferença natural da *mulher* e a realidade da diferença natural da histeria. Embora não haja elaboração do tema, tratando-se como se tratava de uma categoria do mais arraigado senso-comum, reconhecemos aí a representação da "fisicalidade" dos fenômenos e perturbações *nervosas,* além do nódulo da "alocação diferencial" transposta sobre a categoria da *mulher.* A referência tem ainda um outro plano de particular relevância e que não transparecia no material arrolado inicialmente. Trata-se da associação das perturbações *nervosas* ao plano do religioso ou, pelo menos, a certas experiências sociais nomeáveis por códigos religiosos, tais como o êxtase, a possessão e o transe. É significativo que essa associação, tão nítida e importante na versão popular do *nervoso,* esteja ausente de boa parte da literatura de divulgação médica, por força do tema da "fisicalidade", do "organicismo", tomado em seu sentido mais literal.

O segundo texto que tomamos como significativo da permeação das representações sobre o *nervoso* dentro da própria tradição sociológica é o artigo de Simmel. O tema central de *A Metrópole e a Vida Mental é* o da "individualidade", ao mesmo tempo, promovida e ameaçada pela vida metropolitana com suas peculiaridades características. Vejamos no seguinte trecho qual o nexo de que lança mão Simmel para estabelecer a correlação entre individualidade e *metrópole:*

> A base psicológica do tipo metropolitano de individualidade consiste na *intensificação dos estímulos nervosos*, que resulta da alternação brusca e ininterrupta entre estímulos exteriores e interiores. O homem é uma criatura que procede a diferenciações. Sua mente é estimulada pela diferença entre a impressão de um dado momento e a que a precedeu. Impressões duradouras, impressões que diferem apenas ligeiramente uma da outra, impressões que assumem um curso regular e habitual e exibem contrastes regulares e habituais – todas essas formas de impressão gastam, por assim dizer, menos consciência do que a rápida convergência de imagens em mudança, a descontinuidade aguda contida na apreensão com uma única vista de olhos e o inesperado de impressões súbitas. Tais são as condições psicológicas que a metrópole cria (Simmel, 1973: 12. Grifo Meu).

Temos aí, expresso em límpidos termos, o tema da "comunicação", associado ao da "totalização". O indivíduo se relaciona como sujeito discreto com o mundo exterior através dos estímulos *nervosos* que repercutem sobre a sua mente na forma de impressões. A "comunicação" *nervosa* tem, portanto, um caráter estruturante e totalizante, uma vez que é através dela que se instaura a própria mente, que se articulam as condições psicológicas próprias de qualquer vida social. Porém, neste texto já desponta um outro plano de considerações que ficará melhor expresso no tocante ao que chama Simmel a *atitude blasé:*

> Não há talvez fenômeno psíquico que tenha sido tão incondicionalmente reservado à metrópole quanto a atitude *blasé.* A atitude *blasé* resulta em primeiro lugar dos estímulos contrastantes que em rápidas mudanças e compressão concentrada, são impostos aos nervos. Disto também parece originalmente jorrar a intensificação da intelectualidade metropolitana. Portanto, as pessoas estúpidas, que não têm existência intelectual, não são exatamente *blasé.* Uma vida em perseguição desregrada ao prazer torna uma pessoa *blasé* porque agita os nervos até seu ponto de maior reatividade por um tempo tão longo que eles finalmente cessam completamente de reagir. Da mesma forma, através da rapidez e contraditoriedade de suas mudanças, impressões menos ofensivas forçam reações tão violentas, estirando os nervos tão brutalmente em uma e outra direção, que suas últimas reservas são gastas; e se a pessoa permanece no mesmo meio, eles não dispõem de tempo para recuperar a força. Surge assim a incapacidade de reagir a novas sensações com a energia apropriada (Simmel, 1973: 15-16).

Vemos aqui que o tema da "totalização" pela "comunicação" desemboca, tanto diretamente na "alocação diferencial", quanto, através dos nódulos da "irritação" e da "fraqueza", no tema dos "males da civilização". No primeiro sentido, a intensidade da comunicação nervosa distingue as pessoas estúpidas das pessoas intelectualmente desenvolvidas. Este desenvolvimento pressupõe, porém, uma fisiologia da reatividade que só quantitativamente se distingue de uma patologia da "irritação" e da "fraqueza". A representação de uma *energia nervosa* permite que se formule um sistema de imagens apro-

priado a esse quadro físico-moral. Veja-se como a "perseguição desregrada ao prazer" interfere, por exemplo, nessa economia íntima da *energia nervosa,* onde determinação e vontade se embaralham em equívoca interação.

O artigo de Durkheim sobre as *Representações Individuais e Representações Coletivas* é ainda mais significativo da configuração cuja lógica perseguimos. Esse artigo, sempre tão citado, é uma peça polêmica fundamental do esforço de Durkheim de impor a cientificidade da sociologia sobre os reducionismos espiritualistas e de impor a sua especificidade enquanto ciência sobre os reducionismos individualizantes. Nessa tarefa, Durkheim monta uma engenhosa argumentação que lança mão dos dados da polêmica entre o epifenomenismo e o independentismo das representações e da vida mental face às células nervosas cerebrais. Contra Huxley, Maudsley e William James, alia-se à postura psicologista de Janet para afirmar que,

> se as representações, uma vez que existem, continuam a existir por si, sem que sua existência dependa perpetuamente do estado dos centros nervosos, se são susceptíveis de agir diretamente umas sobre as outras, de se combinar de acordo com leis que lhes são próprias, é porque são realidades, que mesmo mantendo íntimas relações com seu substrato, dele são, entretanto, até certo ponto, independentes (Durkheim, 1970: 32).

Partindo desse postulado, arma-se o fulcro da argumentação:

> A representação é algo de novo, que certas características da célula naturalmente contribuem para que se produza, mas que não são suficientes para formá-la, uma vez que a elas sobrevive e manifesta propriedades diferentes (...) Ora, quando dissemos alhures que os fatos sociais são, em um certo sentido, independentes dos indivíduos e exteriores em relação às consciências individuais, apenas afirmamos no que tange ao reino social aquilo que acabamos de estabelecer a propósito do reino psíquico (Durkheim, 1970: 32-33).

Ou ainda, de maneira sucinta e lapidar:

> Cada estado psíquico se encontra dessa forma, em face da constituição própria das células nervosas, nas mesmas condições de independência relativa que têm os fenômenos sociais em face das naturezas individuais (1970: 40).

Dificilmente poderíamos dispor de um documento que revelasse de forma tão radical o delineamento básico da questão que aqui se explora: a da íntima correlação que guarda a história erudita das representações sobre o *nervoso* com a ideologia individualista. E seria necessário mesmo que o encontrássemos assim vazado em um texto instaurador do pensamento sociológico, esse

filho último e cruelmente revelador da ideologia individualista[2]. Pois o que vemos na argumentação de Durkheim é uma analogia básica reveladora: a sociedade está para o indivíduo assim como a vida mental está para a célula nervosa. É claro que se está deslocando o reducionismo (tanto quanto o espiritualismo) e, com isso, enfatizando que o sociológico é maior que o individual, assim como o psicológico é maior que o neurológico[3], mas resta a inarredável correlação entre indivíduo e célula nervosa, como unidades mínimas de uma totalização que só as ultrapassa na medida em que as pressupõe. Do mesmo modo, é como se, pelo menos no plano morfológico, a vida social pudesse ser comparável ao *sistema nervoso,* a grande articulação das formas de interação entre os indivíduos e a grande articulação das formas de interação entre as células nervosas. Corpo social e corpo enervado, ambos coroados por um plano e lugar de cooperação e interação máxima, em que o sagrado é o correlato da vida mental individual, sobrepairando no espaço e no tempo religioso, assim como o cérebro é o correlato da realidade subjacente que é a mera aglutinação de homens ou de células. Não seria difícil estender essa analogia da evolução da divisão do trabalho social com a representação corrente a que já nos referimos – no contexto do tema da "totalização" – à evolução da complexidade dos sistemas nervosos, a partir de outras tantas formas elementares ou primitivas.

Mas, já por aí, nos iríamos afastando da inspiração bem localizada que nos pode trazer o argumento durkheimiano, para corroborar a preeminência do tema da "totalização", aqui elevado à sua condição mais abstrata e, também, das inúmeras outras pistas sobre as quais poderíamos voltar-nos no mesmo texto relativamente aos demais temas e nódulos da configuração do *nervoso.* Baste realçar que, no contexto de uma argumentação que pode nos parecer hoje em dia tão dessubstancializante, o tema da "fisicalidade" é absolutamente instaurador, como se pode bem perceber no trecho citado na nota 3, em que

2. Fórmula que atravessa as propostas analíticas de Dumont e que visa, ao mesmo tempo, exalçar o incomparável potencial heurístico do pensamento sociológico e os poderosos desafios opacizantes que o ameaçam (ver, sobretudo, Dumont, 1970 e 1978).

3. Cada estado psíquico se encontra dessa forma em face da constituição própria das células nervosas, nas mesmas condições de independência relativa que têm os fenômenos sociais em face das naturezas individuais ... É assim que essa *espiritualidade* com que se caracterizam os fatos intelectuais e que parecia antes colocá-los ora acima, ora abaixo da ciência, tornou-se ela própria, o objeto de uma ciência positiva; entre a ideologia dos introspeccionistas e o naturalismo biológico, fundou-se um naturalismo psicológico" (Durkheim, 1970: 35, 40).

Durkheim evoca a construção de uma ciência positiva e advoga a assunção de um naturalismo transbiológico (psicológico ou sociológico). As referências aos temas da "comunicação" e da "irritação" surgem embutidas numa invocação restrita do discurso científico da neurologia da época e não podem ser linearmente incorporadas ao quadro físico-moral, a não ser na medida em que subjazem àquela maior e tão plena homologia[4].

Conviria ainda ressaltar que a homologia articulada por Dukheim não passa por uma mera metáfora naturalista, tão regular em seu tempo, mas pressupõe uma articulação ou vínculo necessário em que o elemento maior do círculo do *nervoso* (uma unidade de vida mental ou unidade psicológica) corresponderia exatamente à unidade menor do círculo sociológico (um indivíduo ou unidade sociológica), o que confere à sua construção um rigor altamente estrutural.

O Nervoso *na Literatura de Ficção Metropolitana*

Também a literatura de ficção metropolitana oferece à observação significativas pistas e articulações do sistema do *nervoso.* Elas se espraiam em um amplo leque de referências de que não podemos, evidentemente, oferecer um quadro sistemático. Embora fosse tentador localizar essas marcas dentro da subtradição dos modelos de pessoa na literatura, a partir do Romantismo, devemos aqui restringir-nos a tomá-las apenas como sinais da permeação ampla dos saberes físico-morais oriundos da tradição médica pós-iluminista. Reservei quatro marcos de qualidade muito díspar, mas que nos permitem introduzir um pouco mais de perto a questão dos deslocamentos e realocações da configuração do *nervoso,* a partir do começo do século XIX.

O primeiro marco é o da *Recherche* de Proust, de que pinçamos um trecho curto e denso do primeiro volume, escrito a partir de 1905. Trata-se da descrição das dolorosas sensações na infância do autor ligadas ao momento do jantar, quando era obrigado a furtar-se ao convívio materno e a recolher-se

4. É, de qualquer modo, interessante constatar que treze diversas locuções compostas com o termo *nervoso* utilizadas por Durkheim nesse texto poderiam constituir uma espécie de roteiro para o mapeamento dos temas e nódulos com que se ordena a configuração do *nervoso.* Os temas principais da "totalização" e da "fisicalidade" (e que também o são para o argumento de Durkheim) são representados, respectivamente, por "sistema" e "centros nervosos" e por "elemento", "célula", "matéria" e "substância nervosa". Os nódulos da "comunicação" e da "irritação" (também fundamentais para a analogia com a vida social) se fazem representar, respectivamente, por "energia", "movimento" e "correntes nervosas" e por "estado", "impressão" e "comoção".

a seu quarto no andar superior da casa de Combray. Em uma determinada ocasião, uma série de circunstâncias leva o personagem a deparar-se com os pais no momento em que se recolhiam e obter, contra todas as expectativas, a autorização paterna para um prolongado e ansiado reencontro com a mãe. Comenta Proust:

> Talvez até aquilo a que eu chamava a sua severidade [de seu pai], quando me mandava deitar, merecesse menos esse nome do que a severidade de minha mãe ou de minha avó, pois a natureza de meu pai, mais diferente da minha em certos pontos do que a natureza delas, provavelmente não havia adivinhado até então o quanto eu sofria todas as noites, coisa que minha mãe e minha avó muito bem sabiam: mas as duas me amavam o bastante para não consentir que me fosse poupado o sofrimento pois queriam *ensinar-me a dominá-lo* a fim de *diminuir minha sensibilidade nervosa e fortalecer minha vontade* (Proust, 1957: 39. Grifo meu).

A mãe, ante as perguntas da surpresa Françoise a respeito do que o afligia, responde:

> "Nem ele mesmo o sabe, (...) está *nervoso...*". Assim, pela primeira vez, minha tristeza não era mais considerada como uma *falta punível*, mas como um *mal involuntário* que acabavam de reconhecer oficialmente como um *estado nervoso* de que *eu não era responsável* (Proust, 1957: 40. Grifo meu).

Veja-se como o discurso do *nervoso* restringe-se aqui à elaboração do tema da "determinação/vontade", dentre aqueles que antes arrolei, e o apresenta, na verdade, de forma lapidar. Uma posição básica é afirmada no primeiro texto: a de uma *sensibilidade nervosa* contra uma *força de vontade*. E essa oposição é logo a seguir transtornada pela idéia de um *nervoso* que é tão real quanto inominável em sua explicabilidade. É o nome de uma perturbação que não se sabe a si mesma e que, como *estado nervoso,* qualifica uma condição interior de involuntariedade e, portanto, de irresponsabilidade e, portanto ainda, de inimputabilidade. É um mal que, sendo interior e singular, transcende o sujeito para dentro, redupiicando-o nessa infinita perscrutação sobre cujos pressupostos arma-se a própria possibilidade da grande *Recherche* do tempo moderno. É notável, porém, como essa qualidade do *nervoso* só se instaura e permanece enquanto referida ao dualismo básico da "determinação/verdade". O evento narrado por Proust é singular, uma única e inesperada noite de redenção no suplício continuado do embate entre a avassaladora sensibilidade nervosa e a expectativa e cobrança de uma vontade que se deveria afirmar

consciente, racional e responsável. É, ainda nesse sentido, um estado plenamente físico-moral, tanto mais que o *estado nervoso*, com que se designa uma condição já patologizada, não tem nítidas fronteiras a separá-lo de uma *sensibilidade nervosa* que é a da ordem da constituição ou da natureza do sujeito. É significativo, do mesmo modo, que essa alforria da sensibilidade nervosa se expresse com tão explícita força nessas primeiras páginas da obra, como a prenunciar e sugerir que do seu contínuo desnovelo é que se virá a armar tamanha criação. Este é, aliás, um ponto fascinante de desenvolvimento da teoria da pessoa moderna, acionado sobre a conjunção entre o tema da sensibilidade *nervosa* e da alienação mental, por um lado, e do gênio e da criatividade, por outro. Esse núcleo ideológico será talvez um dos que mais vivamente desenham a fronteira com a subcultura das classes trabalhadoras, onde não repercute sob qualquer forma[5], coerentemente com a interpretação geral aventada das suas marcas diferenciais.

Esse tema da sensibilidade *nervosa* e criativa (no caso, artística) está também presente no autor que examinamos em seguida. Porém, está aí embutido em uma armação bastante diversa da que encontramos em Proust. Trata-se de Zola e, mais especificamente, do seu *Thérèse Raquin,* publicado originalmente em 1867. O modo com que a tematização físico-moral se apresenta no livro pode ser introduzido por uma expressão e proposta contida no próprio texto:

> Seria curioso estudar as mudanças que se produzem às vezes em certos organismos, dependendo de certas circunstâncias. Essas mudanças, que partem da carne, não tardam a se espraiar pelo cérebro, por todo o indivíduo (Zola, 1979: 200. Versão minha).

Nessa proposta concentra-se a viga-mestra do que se veio a chamar de *naturalismo* e que, mesmo na obra de Zola, só viria a se configurar como ideologia explícita e sistemática um pouco mais tarde.

Esse postulado de uma dinâmica das mudanças humanas que vai da *carne* ao *cérebro* e, daí, a todo o *indivíduo,* encontra na configuração do *nervoso* um veículo privilegiado de concatenação. É, porém, um momento e nódulo muito peculiar da configuração o que se lhe oferece como instrumento.

5. A exploração desse tema – a que já dediquei um pequeno ensaio ("O Culto do Eu no Templo da Razão". In Duarte, 1983) – envolve, justamente, a passagem das formas eruditas da configuração do *nervoso* para sua recomposição nos modelos hoje vigentes entre as classes trabalhadoras urbanas.

Vejamos o seguinte trecho da obra citada, em que se descreve as mudanças que se seguiram à realização de um assassinato pelo personagem:

> É assim que Laurent se pôs a tremer ante qualquer recanto de sombra, como um garoto medroso. O ser fremente e ansioso, o novo indivíduo que acabava de evolar nele do camponês opaco e embrutecido sentia os medos, as ansiedades dos temperamentos nervosos. Todas as circunstâncias, as carícias selvagens de Teresa, a febre do assassinato, a expectativa fantástica da volúpia, haviam-no posto feito louco, excitando seus sentidos, martelando com golpes bruscos e repetidos todos os seus nervos. A insônia, enfim, tinha vindo fatalmente, trazendo consigo a alucinação. Desde então, Laurent havia despencado numa vida intolerável, no pavor eterno em que se debatia. Seus remorsos eram puramente físicos. Seu corpo, seus nervos irritados e sua carne trêmula apenas tinham medo do afogado. Sua consciência nada tinha a ver com seus terrores, ele não tinha o menor remorso de ter matado Camilo (...). (Zola, 1979: 201. Versão minha).

Afora o tema da "fisicalidade" que é instaurador de todo o modelo e expresso *sem nuances em uma frase como* "seus remorsos eram puramente físicos", temos aí em ação os nódulos da "comunicação" e da "irritação", cuja íntima vinculação tínhamos ressaltado. É através do circuito *nervoso* e de toda uma fisiologia articuladora desde a exaltação das sensações à irritação dos *nervos* que se arma a nova ordenação do sujeito ante o evento externo transformador. Há mais, porém. Há um modelo muito peculiar de alocação diferencial em jogo com que nos havíamos antes deparado apenas muito rapidamente. Ele se introduz pela categoria do *temperamento nervoso* (que, no Brasil, ocorria diretamente em Aloísio de Azevedo e, sob a forma de *compleição nervosa,* em Machado de Assis), que se estabelece por oposição a um *temperamento sangüíneo.* Numa rápida passagem da página 228, qualifica-se da seguinte forma o temperamento *nervoso:* "nervos de mulher, sensações agudas e delicadas". E, com isso, reencontramos a construção diferencial da *mulher* pelo *nervoso* num modelo mais abrangente que se arma da seguinte forma:

temperamento sangüíneo - masculino - pesado - obtuso
temperamento nervoso - feminino - delicado - agudo

Este par de oposições tematiza, portanto, a alocação diferencial sob a égide de uma ideologia fisicalista que repousa, em última instância, em categorias tão morais como as que se apresentam, no caso, associadas à oposição homem/mulher.

Do jogo de oposições assim armado entre o *temperamento sangüíneo* e o *temperamento nervoso,* entre os sujeitos considerados em situação e o meio

em que se desenrola sua construção vital, brotam duas questões sobre as quais já nos detivemos. A primeira é a da sublimação pelo *nervoso*, que repontara em Proust e que se vê diretamente expressa na ideologia do gênio e do artista:

> Laurent talvez se tivesse tornado artista como se tornara medroso, em seguida ao grande choque que transformara sua carne e seu espírito. Antes, ele vivia abafado pelo grave peso do seu sangue, vivia cegado pelo espesso vapor de saúde que o envolvia; agora, emagrecido, fremente, sentia o espírito inquieto, as sensações vivas e pungentes dos temperamentos nervosos. Na vida de terror que levava, seu pensamento delirava e ascendia até o êxtase do gênio; a doença de algum modo moral, a nevrose que sacudia todo o seu ser, desenvolviam nele um senso artístico de uma lucidez estranha. Desde que havia matado, sua carne se tornara como que mais leve, seu cérebro desnorteado lhe parecia imenso e, nesse brusco crescimento de seu pensamento, via passar criações requintadas, sonhos de poeta. E é assim que seus gestos tinham adquirido uma súbita distinção, é assim que suas obras eram belas, tornadas subitamente pessoais e vivas. (Zola, 1979: 229. Versão minha).

Este trecho é bem mais explícito sobre o caráter moral da fisicalidade suposta e mereceria, a respeito de diversas categorias, uma análise muito mais minuciosa do que a que posso aqui avançar. Creio que a relação, por exemplo, entre o *nervoso* e as qualidades positivas da civilização fica muito mais vivamente expressa do que no texto de Simmel para o qual era, no entanto, instauradora. Seria possível demonstrar-se, com base em outras tantas expressões da obra de Zola, que também nele se tematizava intensamente as qualidades negativas. A idéia de um meio moral conformador das possibilidades diferenciais de "fisicalização" é básica em toda sua visão de mundo. Apenas ela se parece deter sobre uma especificação de zonas morais qualificadas no tecido urbano da Modernidade, mais do que numa denúncia abstrata dos "males da civilização".

A segunda grande questão, ao lado da sublimação e que se vincula fortemente ao tema das zonas morais, é a da hereditariedade. O ciclo dos Rougon-Macquart se arma exatamente sobre o seu fio. Essa hereditariedade, porém, mais uma vez, é tão explicitamente física quanto implicitamente moral, uma vez que só se reproduz numa relação especular com o meio e sua perversa determinação[6]. Sobre esse ponto, creio que a expressão (contida no texto acima) de uma *maladie en quelque sorte morale* bem evoca a ambigüi-

6. Este é um dos temas sobre o qual se arma o ensaio de Deleuze sobre "Zola e a Fissura", que me chamou a atenção, aliás, para a formulação paradigmática do *nervoso* em *Thérèsè Raquin* (Deleuze, 1974: 331 e seg.).

dade fundamental sobre a qual se arma esse discurso e que é instauradora de toda a reflexão médico-filosófico do século XIX.

O terceiro foco inspirador sobre o qual volto minha atenção é o do texto introdutório à tradução feita por Baudelaire dos contos de Edgar Allan Poe, datado de 1856. A primeira e rápida referência apresenta de maneira inequívoca a preeminente oposição entre *temperamento sangüíneo* e *temperamento nervoso,* aplicada à qualificação diferencial dos sujeitos: "Diderot, para pegar um exemplo entre cem, é um autor sangüíneo; Poe é o escritor dos nervos e mesmo de alguma coisa a mais – e o melhor que eu conheço" (*apud* Poe, 1973: 42. Versão minha). Outros pontos de grande relevância emergem, por exemplo, do seguinte trecho:

> Nenhum homem, repito, contou com mais magia as exceções da vida humana e da natureza; os ardores de curiosidade da convalescença; os fins de estação carregados de esplendores enervantes; os tempos cálidos, úmidos e brumosos, em que o vento do sul enlanguesce e distende os nervos como as cordas de um instrumento, em que os olhos se enchem de lágrimas que não vêm do coração; a alucinação, que deixa inicialmente lugar à dúvida, logo convencida e raciocinante como um livro; o absurdo se instalando na inteligência e governando-a com uma lógica espantosa; a histeria usurpando o lugar da vontade, a contradição estabelecida entre os nervos e o espírito, e o homem descorçoado ao ponto de exprimir a dor pelo riso. Ela analisa o que há de mais fugidio, ele avalia o imponderável e descreve, com esse modo minucioso e científico cujos efeitos são terríveis, todo esse imaginário que flutua em torno do homem nervoso e o leva ao mal (Poe, 1973: 43).

O nódulo da "irritação" aparece aqui quase que irreconhecível, assim como a "fisicalidade" que lhe é subjacente. Os *nervos* distendidos como "cordas de um instrumento" não são apenas uma figura literária. Eles têm uma qualidade que justifica que se os oponha explicitamente ao espírito e que se afirme que essas lágrimas "não vêm do coração", ou seja, que os sentimentos tão liricamente descritos passam por uma mediação orgânica específica, que promove a comunicação entre o sujeito e os estímulos exógenos. E, mais do que isso, que essa comunicação *nervosa* depende de um determinado estado de sua rede que a torna particularmente sensível a ela própria e ao ente a que dá consistência e reatividade: o "homem nervoso".

Essa condição física é, porém, ao mesmo tempo, uma condição moral. O tema da "determinação/vontade" é explicitado minuciosamente na seqüência em que Baudelaire opõe alucinação a razão, absurdo a inteligência e, *maxime,* histeria a vontade, para desembocar nessa "contradição estabelecida entre os nervos e o espírito" que é, ao mesmo tempo, a paradoxal e reveladora conjun-

ção de todos esses pares de oposições no estado criativo peculiar do mediador entre o imponderável e o científico.

Evidentemente, por mais que sejam próximos no tempo, há porém, uma distância significativa entre este texto e o de Zola, assim como a que se podia perceber entre os de Zola e Proust. A permeação do discurso do nervoso neste caso faz-se de forma muito menos sistemática, como traço ideológico frouxo a vinculá-lo aos saberes de sua época, mas sem a subordinação explícita que, em Zola, o faria supor-se um continuador da tarefa científica da Fisiologia. É de se notar, nesse sentido, que, mais ao fim da "Introdução", Baudelaire utiliza a categoria "melancólico" para designar esse estado de perturbação que antes descrevera nos termos da configuração do nervoso. Mesmo que seja difícil supor que essa categoria ainda estivesse carregada de sua antiga significação humoral, e não apenas sendo utilizada do modo puramente moral com que ainda hoje pertence ao nosso léxico, sua ocorrência concomitante ao discurso do nervoso pode ser tomada, pelo menos, como simbólica dos amplos deslocamentos por que passam essas representações ao longo do século XIX. Essa ocorrência concomitante dava-se, entre nós, do mesmo modo em Machado de Assis; tanto quanto em Aloísio de Azevedo já o discurso do *nervoso* vinha a se consolidar como exclusivo[7].

Restaria observar, no tocante a este foco, que a expressão da perturbação físico-moral em Baudelaire pelo discurso do nervoso ecoa uso idêntico no próprio Poe. Duas referências permitem-nos rápida exploração. Em *La Verité sur le Cas de M. Valdemar,* afirma Poe sobre um personagem que "seu temperamento era singulamente nervoso e fazia dele um excelente meio de experiências magnéticas" (Poe, 1973: 272). E ainda, em *Le Coeur Révélateur,* assim se exprime o narrador interno: "É verdade! – sou muito nervoso, espantosamente nervoso – sempre o fui. Mas por que acham que sou louco? A doença aguçou meus sentidos – não os destruiu, não os afrouxou" (Poe, 1947: 71. Versão minha)[8].

Veja-se como tão breves passagens reiteram-nos aspectos de três dos temas com que temos procurado discernir os contornos dessa configuração. O primeiro é o da "comunicação", que nos introduz aqui a uma rica característica da passagem do século XVIII para o XIX: a da relação da comunicação

7. O material de ficção brasileiro encontra-se analisado em Duarte, 1986a.

8. Os textos de Poe devem ser datados do período entre 1843 e 1845, não sendo minhas edições muito informativas, apesar de cuidadas.

nervosa com os fenômenos do magnetismo animal e da eletricidade em geral. O segundo é o da "determinação/vontade", através da distinção em que insiste o personagem entre sua doença nervosa e a loucura. O critério é o da consciência face ao mundo exterior, que se afirma não só preservada como até aguçada na excitação nervosa. O tema da "irritação" – no sentido amplo em que o viemos perseguindo – é aqui, mais uma vez, mediador nessa articulação entre excitação das fibras ou tecidos e sensibilidade geral que funda o *estado nervoso.* Não se pode deixar de ressaltar que, também aqui, a correlação entre sensibilidade e *nervoso* fornece o pano de fundo para o tema já comentado da criação sublime pelo aguçamento interior das sensações.

A quarta referência é a de uma obra de difícil classificação para os nossos moldes atuais e tem um efeito puramente contrastivo com o estado da configuração na segunda metade do século XIX. Bem expressiva de uma certa produção do século XVIII, embora editada em 1825, é um ensaio que se nutre fortemente do cientificismo setecentista, almejando, porém, a expressão de uma sabedoria ao gosto dos moralistas clássicos. Trata-se da *Physiologie du Goût,* de Brillat-Savarin. Numa digressão sobre o fenômeno dos sonhos, diz-nos o autor:

> No estado atual da ciência, deve-se considerar como aceito que existe um fluido tão sutil quanto poderoso, que transmite ao cérebro as impressões recebidas pelos sentidos, e que é devido à excitação que essas impressões causam que nascem as idéias (...) assim [durante o sono] o fluido nervoso, móvel por sua natureza, é levado ao cérebro pelos condutos nervosos, insinua-se nos mesmos locais e nas mesmas pegadas, já que chega pela mesma via. Ele deve, portanto, produzir os mesmos efeitos, embora com menor intensidade. (Brillat-Savarin, 1876: 208. Versão minha).

Não creio que seja imperceptível ao leitor a mudança de registro da configuração do *nervoso* neste texto. Encontramo-nos, na verdade, aqui, ainda em pleno século XVIII, na trama muito peculiar da fisiologia (significativamente presente no título da obra) dos vapores e fibras nervosas, radicalmente disruptora das visões tradicionais do homem e sobre cujos fios pioneiros se armará a configuração cujo jogo apreciamos. Cabe, justamente nesse sentido, ressaltar a presença do tema da "comunicação *nervosa*", como mediação por vias de fluidos e condutos entre as impressões sensoriais e o cérebro, além do tema da "irritação", na representação de que as idéias surgem de um estado de excitação provocado pelas impressões *nervosas.* Mais do que nunca, está em jogo uma "fisicalidade" explícita e provocadora que invoca, no início do trecho, não as musas, mas o "estado atual da ciência".

Considerações Finais

O interesse fundamental deste trabalho é, na verdade, mais do que demonstrar a importância e alto grau de permeação da configuração do *nervoso* num momento importante de aglutinação das idéias contemporâneas sobre a Pessoa, fazer ressaltar como as representações do senso comum erudito, ou dos eruditos, melhor dizendo, a respeito de individualidade e subjetividade, em suas diversas variantes e nuances, perpassam a produção sociológica e se transformam, freqüentemente, parte inextricável de suas teorias e modelos, sem que os autores do campo sociológico/antropológico disso se apercebem ou se disponham a encarar e controlar criticamente. O uso de material comparativo coetâneo, oriundo da literatura de ficção, me pareceu útil para demonstrar a imersão do pensamento sociológico nesse imaginário geral de sua época e subcultura, mesmo, e talvez sobretudo, em se tratando de autores tão lúcidos e sensíveis aos problemas apresentados ao Homem pela Modernidade.

É claro que, no caso de nossa cultura, é necessário ter uma considerável consciência da relevância do pensamento científico e, particularmente, do pensamento médico-psicológico para a constituição daquele imaginário, e creio ter podido demonstrar as relações entre essas diferentes ordens de discurso e suas implicações sociológicas. Isso não quer dizer, evidentemente, que possamos aspirar a uma reflexão sociológica "livre de valores" nesta área como em qualquer outra. A produção continuada – ao modo de Sísifo – do controle do imaginário individualista em que estamos entranhados é, porém, uma tarefa imprescindível, sobretudo nessa área dos mal-estares, perturbações físico-morais ou doenças em que nos comprazemos em ver uma das fronteiras mais expressivas entre um Indivíduo e uma Sociedade.

BIBLIOGRAFIA

BRILLAT-SAVARIN. 1876. *Phisiologie du Goût.* Paris: Garnier Frères.

CANGUILHEM, G. 1978. *O Normal e o Patológico.* Rio de Janeiro: Forense.

DELEUZE G. 1974. *Lógica do Sentido.* São Paulo: Perspectiva.

DUARTE, L. F. D. 1982. "Doença dos Nervos - Um Estudo de Representações e Visão de Mundo de Um Grupo de Trabalhadores". In *Trabalho e Cultura no Brasil* (Rodrigues et allii, orgs). Brasília: ANPOCS/CNPq, Série Ciências Sociais Hoje, Nº 1: 368-376.

———— 1983. Três Ensaios sobre Pessoa e Modernidade. *Boletim do Museu Nacional,* N. S. Antropologia Nº 41.

———— 1985. "Considerações Teóricas sobre a Questão do Atendimento Psicológico às Classes Trabalhadoras". In *Cultura e Psicanálise* (S.Figueira, org.) São Paulo: Brasiliense: 178-201.
———— 1986a. *Da Vida Nervosa (Entre as Classes Trabalhadoras Urbanas).* Rio de Janeiro: CNPq/Zahar.
———— 1986b. "What it Means to be Nervous (Competing Concepts of the Person in Brazilian Urban Culture)". Comunicação apresentada ao XIII Congresso da LASA, Boston.
———— 1988. *A Psychopathia Sexualis* de Krafft-Ebing, ou o Progresso Moral pela Ciência das Perversões. *Boletim do Museu Nacional,* N. S. Antropologia Nº 58.
DUMONT, L. 1970. "The Individual as an Impediment to Sociological Comparison and Indian History". In *Religion, Politics and History in India. Paris: Mouton: 133-150.*
———— 1978. La Communauté Anthropologique ét l'Idéologie. *L'Homme,* 18 (3-4): 83-110.
DURKHEIM, E. 1970 [1898]. "Representações Individuais e Representações Coletivas". In *Sociologia e Filosofia.* Rio de Janeiro: Forense 13-42.
FOUCAULT, M. 1978. *História da Loucura.* São Paulo: Perspectiva.
MAUSS, M. e H. HUBERT. 1973 [1902]. "Esquisse d'une Théorie de la Magie". In *Sociologia et Anthropologie.* Paris; PUF: 3-141.
POE, E. A. 1947. *Nouvelles Histoires Extraordinaires.* Paris: Garnier.
———— 1973 [1856]. *Histoires Extraordinaires.* Paris: Gallimard.
PROUST, M. 1957. *No Caminho de Swann.* Porto Alegre: Globo.
SIMMEL, G. 1973 [1902]. "A Metrópole e a Vida Mental", In O Fenômeno Urbano (G Velho, org.): 11-25. Rio de Janeiro: Zahar.
TUKE, H. 1892. *A Dictionary of Psychological Medicine.* Londres.
ZOLA, E. 1979 [1867]. *Thérèse Raquin.* Paris: Gallimard.